

**Vida rural** Os peões que trabalham na manutenção da lavoura de arroz gaúcho

# O chefe das águas

SEBASTIÃO RIBEIRO

À beira do valo que distribui água para a lavoura de arroz, as gramíneas não encontram obstáculos para se desenvolver – algumas chegam a quase dois metros de altura. Na parte mais rasteira, a vegetação é abundante, forma uma rede traiçoeira para o caminhante e esconde os tantos buracos e desníveis do solo.

Alcebíades Lopes, 55 anos, anda por esse terreno como quem passeia por um calçadão praiano. Conhece cada buraco da terra e nem sente as picadas dos inúmeros insetos que habitam o ambiente ou as minúsculas sementes que se grudam nas pernas, constituindo-se em uma ameaça a qualquer alérgico que por ali se aventure. É como se, após 41 anos trabalhando na lavoura arrozeira, sua pele fosse curtida, tivesse uma couraça natural. A única proteção que Alcebíades precisa para andar pelas margens da lavoura são as surradas havaianas.

– Caminhar de pés descalços aqui é brabo. Tu vais pisando, pisando e... (Pisa mais forte... Creck!) Olha só: (pega do chão uma concha quebrada) é cheio destes caramujos aqui. Estas conchas cortam o pé – explica.

Alcebíades é aguador – é assim que se chamam os peões que têm a tarefa de manter o arroz irrigado, de forma a deixar a parte superior da planta exposta ao sol e a inferior abaixo da superfície. Nas 80 quadras de lavoura que cuida em Eldorado do Sul, faz isso como ninguém. O gerente da área o chama de chefe das águas. O empregado sabe tudo de vasos comunicantes, embora

nunca tenha ouvido essa expressão (cursou somente até a 5ª série do Ensino Fundamental).

Mesmo com toda a mecanização da lavoura, os aguadores e taapeiros ainda são indispensáveis à lavoura de arroz. Taapeiro vem de taipa, elevações em linha que dividem os diferentes níveis de plantação. Quando Alcebíades começou a trabalhar, aos 14 anos, em Cachoeira do Sul, esses montes eram feitos por homens.

Hoje, há tratores e máquinas. Mas os peões resistem (estima-se que 43 mil trabalhem na lavoura arrozeira gaúcha). Sem eles e suas inseparáveis pás, apêndice do corpo de um aguador, não se libera as valetas entre as lavouras. São essas passagens que permitem que a água escoe dos pontos mais altos aos mais baixos da plantação.

## Para o dia-a-dia, vianda, café, palitos e remédios

Alcebíades tem orgulho de demonstrar isso. Caminhando sobre a taipa, o trabalhador nota que um curso d'água entre um nível e outro da plantação está interrompido. Cinco golpes com a pá são suficientes para remover as plantas e a terra que tomavam conta da valeta. O som da água corrente anuncia: uma veia da lavoura foi desentupida. O arroz sobreviverá.

O dia de Alcebíades começa às 6h, com um mate. Às 6h30min, toma um gole de café, acompanhado com um reviradinho do jantar, preparado pela mulher, Vera Maria Peixoto. Enquanto isso, Vera Maria arruma a mochila azul de náilon que o aguador leva para o trabalho. Coloca a vianda e uma garrafa térmica com apenas meio copo de café.



Mesmo com a mecanização, taapeiros precisam encarar a água acima de cintura para desobstruir o canal principal

– É para acompanhar os outros depois do almoço – diz o aguador.

Na bolsa sempre há também uma caixa de palitos, um Amargol – para quando a comida não senta bem – e comprimidos de um antiinflamatório contra dores recalcitrantes no corpo.

Alcebíades mora junto à lavoura, mas se desloca até a parte mais distante do campo na caçamba do caminhão que carrega a peonada às 7h. Apesar de supervisionar os funcionários safristas e outros contratados, pega no batente como todos.

Uma das funções na qual a turma se envolve é desobstruir o canal principal, tomado por algas tão espessas que chegam a impedir a passagem da água. A limpeza é feita manualmente. Uma velha camiseta de propaganda, a bermuda puída, a pele cheia de vincos e de um tostado que já se incorporou ao corpo, Alcebíades lança-se ao valo para jogar as algas do centro para as margens do conduto. Em dias quentes como os do verão gaúcho, trabalhar com água acima da cintura até que não é tão mau. O único desconforto são os chamechungas – como chamam os

## ALCEBÍADES LOPES, AGUADOR

“Eu tenho 55 anos, fumo e tenho um pique que a molecada se apavora.”

peões – ou sanguessuga, como manda o bom português.

– É preciso ficar se mexendo dentro d'água, fazendo bastante barro, que aí os chamechungas não vêm – conta Alcebíades.

O almoço da peonada é ao meio-dia. Comem todos em uma bolanta (pequena casa móvel, com rodas na base), sem esquentar a bóia. Depois de um cafezinho e um descanso debaixo de alguma sombra, o trabalho continua até as 17h30min. Alcebíades chega em casa, suado e molhado, larga a mochila azul, toma uma jarra de suco artificial e se manda para o campinho de futebol improvisado junto à moradia.

Entre uma história e outra, enrola um cigarro. O casal se conheceu em Cachoeira do Sul, onde nasceram. Aos 14 anos, estudavam juntos. Após a aula, levavam a marmitta a cavalo para os respectivos pais, que eram colegas em uma lavoura de arroz.

Um dia, o petiço de Vera Maria desvencilou-se da tropilha e os dois demoraram a resgatá-lo. E o menino e a menina se atrasaram. Eles eram apenas amigos, mas os pais desconfiaram que tinham inventado de namorar no meio do caminho. Não interessa se era verdade. Cada um levou uma surra de relho trançado. Na mesma tarde, foram levados ao cartório para encaminhar a papelada do casamento. Hoje, têm nove filhos – todos casados – três são homens e trabalham na lavoura de arroz, como o avô e o pai, que em dois anos deve se aposentar.

Isso, no entanto, não deve significar largar a atividade. O aguador, que ganha R\$ 600 por mês, quer reduzir a carga horária para meio turno, mas não cogita abandonar o ofício.



Alcebíades não dispensa o mate, todos os dias às 6h, ao lado da mulher, Vera